



# Letras

## SILVIO ROMERO

Sergio Buarque de Holanda

A IMENSA contribuição de Silvio Romero para o melhor conhecimento do Brasil, através sobretudo das suas expressões intelectuais e literárias, nunca pôde ser seriamente contestada. Quem, como êle, levou tantas vezes até à injustiça uma admirável capacidade de fervor por certos princípios e certos nomes, não recebeu, ao menos até aqui, a paga da incompreensão. E quem se identificou com tamanha intensidade à época em que viveu, esposando seus ideais dominantes, alguns deles limitados e mortalmente frágeis, pode hoje sobreviver à ruína de muitos desses ideais.

Assim, o centenário do autor da *História da Literatura Brasileira*, que celebra por estes dias, não terá significado comum em tantos centenários recentes. Não servirá, certamente, como em outros casos, para que se repare uma atroz injustiça ou se corrija um esquecimento imperdoável. Mas há de servir, talvez, para que se precise mais exatamente a importância que ainda pode ter, nos nossos dias, uma obra tão estreitamente vinculada à época em que surgiu. Ou, segundo a expressão tirada de Croce, para determinar com maior clareza o que já está morto e o que ainda continua vivo, apesar de tudo, em seu pensamento doutrinário e crítico.

Sabemos que esse pensamento se associava nele, como entre os seus mestres favoritos — um Herberto Spencer, um Taine, um Edmond Scherer, — à subordinação de toda atividade da inteligência ou da imaginação, inclusive daquilo a que teve certa vez a coragem

de denominar "literologia ou literonomia ou melhor esto-literatura", à ciência experimental e positiva. Desejava-a racionalmente deduzida de princípios definidos e certos. Porque, escreveu em seu trabalho sobre "a Crítica e sua exata definição", "estudo sem valor científico, para nada presta, não tem mérito algum no terreno das idéias, não passando de fantasias ou divagações".

E em que consistiria, segundo êle, esse "valor científico"? Em mais de um passo de seus escritos acena para o "imponente progresso das ciências físicas e mais ainda os maravilhosos resultados de suas aplicações práticas e industriais" como um exemplo a seguir, e exemplo que teria relegado ao lusco-fusco de um passado remoto, as conquistas não só materiais, mas espirituais da Antiguidade. Todo estudo só seria cientificamente certo, na medida em que se conformasse a certas leis fundamentais, leis que seriam as mesmas para o mundo físico e o da cultura.

Embora se tenha tornado quase risível, em nossos dias, a sofreguidão dos que, ainda há poucos decênios, não se cansavam de proclamar a "bancarrota" da ciência, ninguém negará que essa ambição de envolver na mesma cadeia de ferro nossa vida física e cultural é hoje a parte superada, talvez definitivamente superada, na obra de um Silvio Romero.

**INSCREVENDO** a atitude literária e intelectual numa portentosa construção, que tinha por ápice a Sociologia, êle desdenhou constantemente a atitude daqueles que, como José Veríssimo, por exemplo, se teriam preocupado em "obedecer, no estudo dos autores, ao critério puramente estético". Para êle, nas criações da inteligência e da imaginação eram partes integrantes de um todo, e nada representavam quando destacadas dele. Por isso mesmo convinha considerar, nessas criações, e principalmente através delas, o

meio, as raças, o folclore, as tradições, do país. E foi êsse, em suma, o programa ambicioso que êle traçou para a elaboração de sua obra mestra.

A criação artística, do ponto de vista de Edmond Scherer, o crítico hoje esquecido e que êle preferia, no entanto, a qualquer outro de sua época, sobrepondo-o inclusive a Taine, é acima de tudo pessoal. "E' por aí que ela vale", dizia. "É por êste lado que ela dura. Os séculos não apagam êsses caracteres de beleza, que foram ligados pelo genio criador". Mas como explicar, por outro lado, o gênio criador, sem explicar, em primeiro lugar, o mundo, a sociedade, que o geraram, o alimentaram e de algum modo o aprisionaram? E aí temos como uma visão, no fundo romântica, que à obra de arte associa intimamente, e em verdade sobrepõe o artista que a produziu, se pode entrosar numa concepção voluntariamente científica, sociológica.

Tal concepção, quando levada a extremos que Silvio Romero poucas vezes atingiu, torna explicável o extremo contrário, ou seja o puro estetismo, que considera a obra de arte uma espécie de aerolito, só acessível ao crítico através de uma consideração atenta das suas qualidades "intrínsecas", sem relação alguma com a paisagem circunstante. Não pôde prevalecer com intensidade, embora por pouco tempo, em terras onde os critérios biográficos, históricos, sociológicos tinham chegado a tornar-se todo-poderosos e exclusivistas na apreciação da obra literária.

**AS ESTÉTICAS** absolutistas e suficientes deveriam associar-se, numa natural sequência, processos de análise igualmente suficientes, suportados por uma rigorosa e onipotente metodologia. Teríamos neste caso, se não entrasse aqui uma evidente contradição de princípio, aquilo a que alguns teóricos intitularam crítica "altotética". Hoje, que a "nova

crítica" anglo-saxônia já pertence ao passado, não falta, mesmo entre os seus mais ilustres patronos, quem conheça claramente a falência desse propósito.

De uma obra de arte não se pode dizer apenas que *tem* uma expressão, uma voz, uma linguagem, analisáveis em sua estrutura peculiar e livres de toda contingência. Ela é também uma expressão, uma voz, uma linguagem, e por esse lado há de transcender os dados de qualquer estética impessoal. Em certo sentido pode-se dizer, e com maior razão, a seu respeito, o que disse da pesquisa científica um pensador moderno (Gabriel Marcel, em *Du Refus à l'Invocation*): "Nous ne pénétrons pas plus avant, tant s'en faut, dans l'essence de la recherche scientifique, en posant en principe que ce n'est pas la personne du savant qui y est engagée avec toutes ses puissances bonnes et mauvaises, mais une pensée en soi impersonnelle qui, on ne sait pour quoi s'incarne en ce personnage contingent, ce truchement éphémère et dérisoire". De fato os dois momentos são inseparáveis e será certamente incompleto todo método de análise que não queira reconhecer sua unidade essencial.

**OPTANDO** por uma estética quase unicamente expressiva e tributária da vida social, Silvio Romero manteve-se fiel às tendências que prevaleceram em sua época. Em teoria, ao menos, baseou-se num critério que, levado às últimas consequências, converteria a criação artística e literária num mero pretexto, lugar de passagem para navegações mais arrojadas.

Entretanto, à base dessa idéia, entrava sua crença na ineficácia de todas as cristalizações prematuras. A sua também foi, sem dúvida, uma síntese prematura, na medida em que chegou a ser uma síntese, quando julgou encontrar na "ciência perfeita e positiva" de seu tempo o assento perene das futuras especulações. Mas na prática nunca se escravizou em de-

finitivo a uma doutrinação abstrata e opressiva da própria personalidade. Deveria saber, no íntimo, que uma doutrina caprichosamente normativa é como um travesseiro, menos suave contudo do que o "mol oreiller" de Montaigne.

Se, por um lado, essa dissonância entre teoria e prática é talvez responsável pelas contradições e pelos ilogismos de quem precisamente quisera ver na crítica um departamento da lógica, por outro ajuda a melhor entender o mestre que jamais se aferrou, por simples comodismo, a opiniões consagradas, alheias ou próprias. Isso explica o denodo com que, no auge do prestígio intelectual, acolheu os primeiros passos de nosso simbolismo, e, forçando certamente o traço grosso, que foi sua especialidade, viu em Cruz e Sousa o "ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência". E explica um pouco o interesse que, passados mais de sessenta anos de sua primeira publicação, ainda pode suscitar, em nossos dias sua obra mestra.

Para remessa de livros: Rua Haddock-Lobô, 1625 (São Paulo).